

(DES)OBEDIÊNCIA EM DESIGN: UM OLHAR A PARTIR DE PROPOSIÇÕES EXPOSITIVAS

(Dis)obedience in design: a view from exhibitional propositions

Cristiane Mesquita

Psicanalista. Professora e pesquisadora do PPG Design da Universidade Anhembi Morumbi. Doutora e Mestre em Psicologia pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade - PUC-SP. Pós-Doutorado no Departamento de Artes da Goldsmiths University of London. Investiga processos de criação e subjetivação; interações entre corpos, roupas e artefatos; clínica ampliada e produção de sofrimento e saúde psíquica; transversalidades entre psicanálise, filosofia, arte contemporânea, política e design. Lidera o Grupo de Pesquisa do CNPq Design e saúde(s): três ecologias entre Arte e Filosofia da Diferença. Coordena o GEzz: Grupo de estudos zigzague: transversalidade e design e os Projetos de Pesquisa Design e conspiração: processos de criação, micropolíticas de resistência e cuidado e Design e cuidado de si: processos de subjetivação e dispositivos para uma clínica ampliada.

Contato: cfmesquita@anhembibr

RESUMO (PT): Este ensaio apresenta perspectivas conceituais sobre “desobediência” e “criação”, a fim de contextualizar a apresentação de três exposições. *From Nope to Hope* introduz nossa discussão; *Disobedient Objects* e *The Cruel Design Museum* ilustram nossas articulações. As exposições são brevemente apresentadas, a partir de suas premissas e proposições, que colaboram para enfatizar nosso olhar para o design, em relação às alianças com a racionalidade neoliberal, com os diagramas de poder, com manifestações de resistência e ativismo. Por meio de pesquisa exploratória e coleta de dados, alguns exemplos e articulações teóricas encaminham reflexões sobre o design, seu engendramento crítico e suas potencialidades poéticas, estéticas e políticas.

Palavras chave: design, desobediência, criação, *Disobedient Objects*, *Cruel Design*.

ABSTRACT (EN): This essay presents conceptual perspectives on “disobedience” and “creation” in order to contextualize the presentation of three exhibitions. *From Nope to Hope* introduces our discussion; *Disobedient Objects* and *The Cruel Design Museum* illustrate our articulations. The exhibitions are briefly presented, from their premises and propositions, which collaborate to emphasize our view at design, in relation to alliances with neoliberal rationality, with diagrams of power, with manifestations of resistance and activism. Through exploratory research and data collection, some examples and theoretical articulations lead reflections on design, its critical engendering and its poetic, aesthetic and political potentialities.

Keywords: design, disobedience, creation, *Disobedient Objects*, *Cruel Design*.

RESUMEN (ES): Este ensayo presenta perspectivas conceptuales sobre la “desobediencia” y la “creación” para contextualizar la presentación de tres exposiciones. *From Nope to Hope* introduce nuestra discusión; *Disobedient Objects* and *The Cruel Design Museum* ilustran nuestras articulaciones. Las exposiciones se presentan brevemente, a partir de sus premisas y propuestas, que colaboran para enfatizar nuestra mirada sobre el diseño, en relación con las alianzas con la racionalidad neoliberal, con los diagramas de poder, con las manifestaciones de resistencia y militancia. A través de la investigación exploratoria y búsqueda de datos, algunos ejemplos y articulaciones teóricas conducen a reflexiones sobre el diseño, su engendramiento crítico y su potencial poético, estético y político.

Palabras clave: diseño, desobediencia, creación, *Disobedient Objects*, *Cruel Design*.

Introdução

No mês de março do ano de 2018, o *Design Museum*, localizado na cidade de Londres (UK), realizou a exposição *Hope to Nope: Graphics and Politics 2008-18*¹, com curadoria das pesquisadoras inglesas Margaret Cubbage e Lucienne Roberts. O recorte foi uma tomada do design gráfico – posters, cartazes, estandartes e até mesmo memes - que, ao longo de uma década, foram usados pelas mais diversas pessoas e grupos ao redor do mundo, para estampar reivindicações e mensagens políticas, de forma cada vez mais recorrente nas ruas. Em diferentes cidades como Nova York, Tóquio, Londres e São Paulo; em formatos, materiais e técnicas dos mais diversos e com ampla reprodução digital nas redes sociais, as peças originais ou em registros fotográficos conectavam design, ativismo e política.

A mostra foi dividida em três sessões - *Power, Protest e Personality* - que enfatizavam as potencialidades do “design de protesto”, retratando reivindicações de levantes e manifestações, tais como a Primavera Árabe² e o Movimento *Occupy*³, entre outros tantos movimentos que organizaram vozes frente a crimes ambientais, políticas opressivas, violação de direitos humanos, governos autoritários.

1 <https://designmuseum.org/exhibitions/hope-to-nope-graphics-and-politics-2008-18>. Acesso em 12 ago. 2022.

2 Série de protestos que ocorreram no Oriente Médio e no Norte da África entre dezembro de 2010 e final de 2012. Outras informações disponíveis em 21 Histórias que Marcaram o Século 21. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55379502>. Acesso em 12 ago. 2022.

3 Movimento contra o capitalismo e o modo de funcionamento do setor financeiro e denuncia desigualdades econômicas e sociais no governo dos Estados Unidos, ocorrido em setembro de 2011, no Zuccotti Park em Nova York. Informações disponíveis em <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/192>. Acesso em 12 ago. 2022.

Ou ainda diante de acontecimentos como o Brexit⁴ ou a eleição do conservador americano Donald Trump para a presidência dos EUA, no ano de 2016.

Ao longo do período da exposição, o *Design Museum* abrigou um evento privado que celebrou os 70 anos da Leonardo – empresa italiana, líder da indústria armamentista. Ao tomar conhecimento do ocorrido, diversos artistas e coletivos participantes da mostra Hope to Nope decidiram solicitar a retirada de seus trabalhos, estabelecendo o dia 1º de agosto como prazo⁵. Publicaram uma carta aberta, assinada por mais de 40 artistas, curadores e palestrantes, integrantes de eventos que acompanhavam a exposição. Um dos trechos do texto menciona o termo “hipocrisia” para qualificar a contradição do museu “em celebrar trabalhos ativistas e radicais, enquanto apoia e lucra com uma das indústrias mais destrutivas e mortais do mundo” (Tradução nossa)⁶. Cerca de um terço dos trabalhos foram retirados pelo grupo de artistas. O museu expôs uma nota, assinada pelos diretores Deyan Sudjic and Alice Black, que explicava as razões da saída dos artistas e lamentava o fato da mostra não seguir como planejada.

4 Abreviação de Britain Exit, que significa a saída britânica da União Europeia. Informações disponíveis em <https://capitalresearch.com.br/blog/brexit/>. Acesso em 12 ago. 2022.

5 Informações disponíveis em <https://medium.com/@sonjasouza/from-hope-to-nope-to-nope-to-hope-12520e-db3c9f>; <http://brandalism.ch/brandalism-exhibit-in-hope-to-nope-design-museum-london/>; <https://www.designweek.co.uk/issues/24-30-september-2018/from-nope-to-hope-anti-arms-exhibition-protesting-design-museum/>. Acessos em 30 Jul 2022.

6 It is deeply hypocritical for the museum to display and celebrate the work of radical anti-corporate artists and activists, while quietly supporting and profiting from one of the most destructive and deadly industries in the world. A carta está integralmente disponível em <https://bp-or-not-bp.org/2018/07/25/artists-say-nope-to-arms/>. Acesso em 30 jul. 2022.

No mês de setembro, os artistas dissidentes de *Hope to Nope*, inauguraram uma nova exposição na região de Brixton, no sul de Londres. O título inverteu as palavras do original e o subtítulo foi alterado: *From Nope to Hope: Art vs Arms, Oil and Injustice*⁷ (FIG 1) reuniu os trabalhos retirados do *Design Museum* (FIG 2), entre outros tantos, que enfatizavam conexões entre design, arte, política e economia, num franco movimento de denúncia às corporações – algumas das quais fomentam a arte e as instituições - de modo a discutir posturas éticas e celebrar o ativismo. A mostra durou até novembro de 2018, com entrada gratuita. Entre os apoiadores, havia uma associação antiarmamentista, organizações autônomas, cooperativas e escritórios de design.

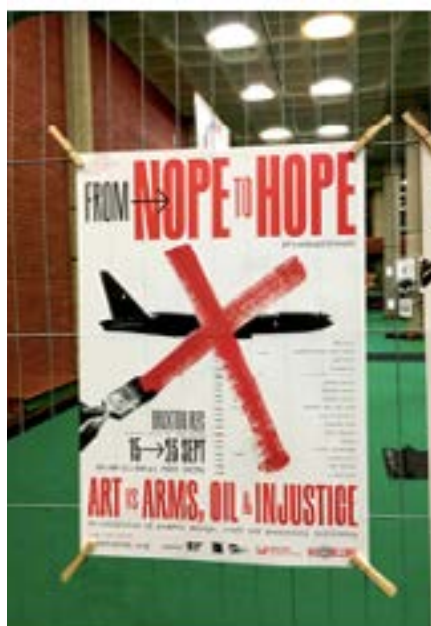


Figura 1 – Entrada da exposição.

Foto da autora.

⁷ <https://nopetoarms.org.uk/> Acesso em 30 jul. 2022.



Figura 2 – Crédito de um dos trabalhos expostos. A seta indica a informação sobre a retirada do *Design Museum*.

Foto da autora.

Esta breve narrativa explicita a atitude de designers e artistas que se implicam em posicionamentos antiarmamentistas e anticapitalistas, que podem ser vistos como um movimento de desobediência. Uma mostra institucionalizada tornou-se uma exposição independente e francamente contrária às forças hegemônicas e mercantilizadas. Este relato introduz nosso ensaio, com o desejo de disparar reflexões em torno do design, que serão fomentadas por meio de algumas articulações teóricas, seguidas pela apresentação de duas proposições expositivas.

1. O desígnio das forças hegemônicas

A noção de projeto pode ser tomada como um imperativo, diretriz dos modos de subjetivação dominantes no contexto neoliberal, cuja urgência por soluções eficientes sinaliza os modos de vida vinculados à cultura da eficácia, do sucesso, do progresso. “O projeto de ter filhos”, “nosso projeto de futuro”, “o investimento no seu projeto de vida” são apenas algumas das expressões usuais que exemplificam a indicação de diretrizes para a vida. Esse tipo de enunciado é naturalizado por sua pretensa utilidade e funcionalidade no planejamento da existência conivente com a produção de forças úteis, corpos dóceis e cúmplices do contexto dominante. É perceptível como esses e outros imperativos modelizantes promovem a inadequação de muitos e desfavorecem brechas que poderiam produzir questões, experimentações e formas dissidentes de vida, por meio da consideração de vetores dissonantes.

O caminho projetual sintetiza planos racionais e, ao ser tomado como modelo de vida (PELBART, 2003), a considera passível de encaixe na produção seriada de mecanismos e estratégias de avaliação contínua – dos outros e de si mesmo – de sucesso e de fracasso. Projetar é uma atividade que atende a diferentes requisitos e relaciona desempenho e resultados em prol de uma vida produtiva e acrítica. Diferentes modelos ilustram uma gama de caminhos que visam, em última instância, ordenar etapas para minimizar perda de tempo, controlar os riscos, gerenciar as metas e produzir resultados. O design, o coaching e os manuais de autoajuda são exemplos reveladores

da lógica que privilegia desafios, métodos e etapas a serem vencidos com criatividade - outro imperativo avassalador dos modos de vida contemporâneos. Vale notar que a criatividade evita se implicar em problematizações dos modos de subjetivação dominantes, mantendo-se no terreno da resolução de problemas, por meio de atributos tais como “fluência, originalidade, motivação, autoconfiança, audácia” (MONTENEGRO, 1995, p. 117-120).

Outro fator digno de nota é a lógica projetual que, embora propague trabalhos em equipe, em geral menospreza noções coletivas e de dimensão pública, em prol de valores como o individualismo, a meritocracia, a privatização e a lucratividade - vetores que em nada colaboram com questões cruciais da crise social na qual estamos atolados globalmente, tais como a emergência climática, a desigualdade econômica, as mazelas do colonialismo e do patriarcado, geradoras de complexas problemáticas de caráter social e humanitário.

Em nossa introdução, essas articulações colaboram para iluminar conexões entre o campo do design e as forças dominantes no campo social, político e econômico. Vale mencionar que a aliança entre o design e a racionalidade neoliberal (MARTINEZ, 2020) nos atravessa de forma imponente, em especial a partir da década de 1980. É notável que, desde o começo do século XX, atributos e qualidades como a lentidão, o inacabamento, a inadequação, a desordem, a desestabilização, o desajuste, o fracasso, entre outros descabimentos, são patologizados e apontados como falhas, uma vez que haveriam parâmetros recomendáveis, para modelar a vida e o campo social. Não por acaso,

esse caminho coincide com a consolidação da sociedade industrial e, mais recentemente, com a revolução digital. Entretanto, o progresso industrial e as “vantagens” da digitalização da vida encontram-se em plena crise, em especial com as fissuras intensificadas pela vivência da pandemia de Covid19 – um evento, a princípio, imprevisto e fora do planejamento.

Todavia, vale lembrar que há uma imensa diversidade de designers e de práticas em design para além dos mancomunados com o sistema dominante. Há aqueles ativamente contrários, há os socialmente engajados, os multiplicadores de posturas críticas e ainda aqueles que consideram adentrar o território inimigo como tática de resistência, entre tantas outras posturas e atitudes. Neste artigo, nosso enfoque conceitual se dará sobre a “desobediência”.

O contexto brevemente delineado colabora para nossas articulações, que, posteriormente, serão ilustradas por meio da apresentação de duas exposições. Para este cultivo, a noção de desobediência é articulada com uma perspectiva sobre o conceito de “criação”, no sentido de enfatizar a abordagem crítica das exposições, ressaltando as proposições como agenciadoras de problematizações, em torno do design. Vale mencionar que uma camada importante de nosso objetivo é tocar em articulações mais explícitas entre design e política. Anjos (2014) colabora para delinear nossa concepção para o termo:

Político, nesse sentido, seria todo movimento de corpos, todo gesto feito, toda palavra dita, todo som emitido ou toda imagem criada que abre fendas e cria brechas nos consensos e nas convenções que organizam a vida em um determinado lugar e em um dado tempo (ANJOS, 2014, p.11).

2. Criação e desobediência

O filósofo francês Gilles Deleuze (1987) conduz um olhar singular sobre a “criação”, quando praticada na composição de diagramas que explicitam problemáticas, para além da dedicação em resolvê-los. Processos de criação são compreendidos como uma tarefa que aglutina conhecimentos e percepções sensíveis. Não pressupõem hierarquização nem locus específico, desde a vida cotidiana até a Arte, a Ciência e a Filosofia. Todos esses campos podem ser (ou não) criadores (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Num trabalho, numa ação, ou mesmo na experimentação de modos de vida, o criador instaura olhares que rompem acordos com modos de subjetivação hegemônicos, com sistemas de controle e com “palavras de ordem” (DELEUZE, 1987, s/p). A criação instala “espaços-tempos” num dado contexto e produz deslocamentos, ainda que mínimos, daquilo que é compreendido, sentido ou vivido como a configuração dominante de determinada realidade. É praticada por leigos e por diversas profissões, desde que aponte para problematizações – concretas, imaginárias, poéticas, éticas, políticas, etc. – sobre determinado contexto, sobre

os modos de subjetivação vigentes e ainda sobre o próprio campo de conhecimento no qual é engendrada.

Nesse sentido, é possível compreender que a criação esbarra no exercício de resistência em relação às vozes dominantes. Entretanto, não é necessariamente uma “contrainformação”. Produz-se no meio, entre uma perspectiva e outra, subvertendo os sentidos de ambas. Não é precisamente uma oposição, mas sim um “fora” das categorizações prévias. Essa abordagem aponta para o viés político da criação, pois seus processos ou resultados podem colocar em suspenso os diagramas de poder que imperam em determinado contexto.

É pertinente articular esta noção de criação com perspectivas sobre a desobediência, a fim de convocar um design que mais pergunta do que responde, que problematiza sem propriamente propor soluções, que produz crítica, a fim de explicitar, enfrentar e abrir brechas e combater feridas, em cada período e contexto histórico.

Em *Desobedecer*, Gros (2021) mapeia o verbo em diferentes sentidos. De início, empresta uma frase de Zinn para defender que “o problema não é a desobediência, o problema é a obediência” (ZINN apud GROS, 2021, p.9), levando em conta contextos de desigualdades e injustiças sociais, ao longo da história. Para a atualidade, afirma que “falar de injustiça tornou-se obsoleto. Estamos na era da indecência” (Ibidem, p.14), ao mencionar diferenças entre os ganhos da classe milionária e da grande maioria de pessoas, no contexto da atual fase do capitalismo. Vale lembrar como esse sistema, dominante há mais de cinco séculos, é hábil em padronizar modos de vida e processos

de subjetivação, em prol da manutenção de seus fluxos financeiros e da distribuição de afetos na partilha do campo sensível (RANCIÉRE, 2005), o que segue favorecendo sua conformação.

“Por que desobedecer? Basta abrir os olhos” (GROS, 2021, p.16). A resposta à sua própria questão, ressalta sobretudo, a possibilidade de a desobediência desenhar formas de enfrentamento do “conformismo generalizado” (Ibidem). Seus argumentos em favor da desobediência são tecidos a partir de pensadores tais como a teórica política alemã Hanna Arendt (1906-1975) e sua proposição sobre a “banalização do mal”, que questiona a racionalidade - imperativo cartesiano em crescente crise, desde meados do século XX, quando o progresso revela mais e mais as entranhas de sua monstruosidade, em relação à vida e aos recursos naturais - como um atributo “humano”.

Nos capítulos que enfocam a “desobediência civil”, permeados pelas proposições do filósofo poeta, historiador americano Henry David Thoreau (1817-1862), crítico singular do capitalismo e propositor de ações dissonantes ligadas à vida simples e à natureza, Gros lembra a dimensão coletiva e evidentemente pública da desobediência:

Desobedecer juntos, [é] que faz o coração do contrato social bater, dá corpo, por ocasião de uma contestação comum, ao projeto de ‘fazer sociedade’ [...] viver juntos, mas sobre novas bases, não se deixar governar assim, não aceitar o inaceitável, reinventar o futuro. O que embasa o viver-juntos é um projeto comum de futuro. (GROS, 2021, p.149)

Além disso, enfatiza o vínculo entre desobediência e crítica. Importantes atores da história, tais como o ativista estadunidense Martin Luther King (1929-1968) e o líder pacifista indiano Mahatma Gandhi (1869-1948), leitores entusiasmados de Thoreau, colaboram como exemplos, para diferir a desobediência da insubordinação individual⁸. Nesse contexto, vale convocar uma dose de sutileza, necessária para melhor compreender a complexidade dos diagramas de poder. O filósofo e historiador francês Michel Foucault (1926-1984) colabora com suas abordagens sobre a microfísica do poder, pois nos conduz a atentar para seus paradoxos e armadilhas: em muitos momentos, uma defesa da liberdade individual pode ser usada justamente na formação de seres obedientes e acríticos: “E é assim que se vê desenhar uma transferência de benefício político do uso livre da razão para a esfera da obediência privada. (FOUCAULT, 2010, p.37).

Em diálogo com Foucault, Diniz e Gebara (2022) também ressaltam as contingências que regem a conjugação do verbo desobedecer - um dos mais importantes para o exercício feminista. A desobediência é uma postura necessária, frente à repressão, à desigualdade, à violência de gênero, entre outras feições opressivas que constroem os lugares obedientes que a mulheres deveriam habitar, no regime patriarcal e no contexto dominante do machismo. Nesta seara normativa, instituente dos modos de subjetivação do feminino secular, notadamente

⁸ Recentes eventos ocorridos no Brasil, em relação às diretrizes da OMS para a pandemia de Covid19, valem para ressaltar que o conceito de desobediência deve ser considerado de forma contingente. Em nome da “liberdade”, ações em favor da saúde coletiva como o uso de máscaras e a vacinação foram negados por grupos de pessoas e a desobediência propaganda por governantes. Outras informações disponíveis em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/02/14/adocao-do-passaporte-sanitario-para-combate-a-covid-19-e-debatida-no-plenario> ; <https://www.jb.com.br/pais/justica/2020/12/1027012-liberdade-individual-ou-interesse-coletivo--stf-inicia-julgamento-sobre-vacina-obrigatoria.html> _ Acessos em 10 Ago 2022.

hegemônicos e consonantes com o capitalismo (FEDERICI, 2017), a desobediência é uma prática que desafia os paradigmas predominantes, naturalizados como um conjunto de formas corretas para ser mulher. As autoras ressaltam que, diante de diferentes condições de classe, a possibilidade de desobedecer pode ser considerada como um privilégio. Por isso lembram que, muitas vezes, é preciso “performar a obediência, como estratégia de sobrevivência” (DINIZ e GEBARA, 2022)⁹, colaborando para ressaltar as complexidades que permeiam a dicotomia entre obediência e desobediência e a intrínseca relação entre uma postura e outra: obedecer e desobedecer são verbos interligados e culturalmente construídos, vivos e prechos de significações e agenciamentos possíveis.

Para trazer o design como um campo imanente nas tramas desta rede de contingências, vale mencionar uma proposição do filósofo tcheco Vilem Flusser (1920-1991), que discorre sobre a semântica do termo e tece sentidos pouco convencionais:

Em inglês, a palavra design funciona como substantivo e também como verbo (...). Como substantivo significa, entre outras coisas, ‘propósito’, ‘plano’, ‘intenção’, ‘meta’, ‘esquema maligno’, ‘conspiração’, ‘forma’, ‘estrutura básica’, e todos esses e outros significados estão relacionados a ‘astúcia’ e a ‘fraude’. Na situação do verbo - to design - significa, entre outras coisas, ‘tramar algo’, ‘simular’, ‘projetar’, ‘esquematizar’, ‘configurar’, ‘proceder de modo estratégico’. [...] O designer

9 Informação oral. Conversa entre as autoras, promovida pelo Anis Instituto de Bioética. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=D6ZSslZOET4>. Acesso em 10 ago. 2022.

é, portanto, um conspirador malicioso que se dedica a engendrar armadilhas (FLUSSER, 2007, p.181-182).

Flusser explora esta concepção como estratégia para aproximações entre design, técnica e arte, lembrando que fazer design é interferir na natureza e “trapacear”, produzindo cultura: “graças à palavra design, começamos a nos tornar conscientes de que toda cultura é uma trapaça, de que somos trapaceiros trapaceados” (Ibidem, p. 185). Suas colocações podem ser tomadas no sentido pejorativo, se nos limitamos à aceção do design que prioriza a configuração funcional de objetos, sistemas e serviços. No entanto, se pensada no seio das contingências, a proposição pode ser articulada com desobediência e criação, já que colocam em suspenso a aliança entre design e palavras de ordem, insinuando que se pode conspirar contra elas, trapacear contra os pilares dominantes, proceder de modo estratégico em favor da imaginação e do combate aos modelos opressores e exploradores, criar linhas poéticas, estéticas, políticas, problematizar padronizações, buscar ferramentas e intercessores que intensifiquem a capacidade crítica e a autonomia, exercer resistência contra os desígnios, projetados para nos parecer intransponíveis¹⁰.

Para materializar esta articulação, apresentaremos dois exercícios expositivos, realizados pelo pesquisador inglês Gavin Grindon¹¹, o

10 Neste momento vale a menção ao subtítulo do livro do teórico cultural inglês Mark Fisher (1968- 2017): “é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo”. A obra *Realismo Capitalista* (FISHER, Mark. São Paulo, Autonomia Literária, 2021, 218p.), embora não esteja referenciada neste ensaio, é relevante cenário de nossa abordagem.

11 Pesquisador nas áreas de arte, política e práticas curatoriais, história da arte-ativista, políticas estéticas e movimentos sociais. Professor de arte contemporânea e curador na University of Essex's School of Philosophy and Art

primeiro deles, em parceria com a curadora Catherine Flood¹², como exemplos-acontecimentos.

3. Disobedient Objects e The Museum of Cruel Designs at Banksy's Dismaland

A mostra *Disobedient Objects*¹³ ocorreu no Victoria & Albert Museum (Londres, UK) no ano de 2014 (FIG 3), com entrada gratuita - procedimento pouco usual no museu. A coletânea apresentou originais e registros fotográficos de objetos de arte e design - entre eles panfletos, fanzines, cartazes, estandartes, utilitários, roupas e acessórios, máscaras, escudos protetores, bonecos, infláveis, entre outros artefatos oriundos de diversos países, criados por ativistas, coletivos e movimentos sociais, em prol das mais diversas lutas e protestos, desde os anos 1970 (FLOOD; GRINDON, 2014). A vasta gama de objetos, muitas vezes derivados de artefatos cotidianos, servem às causas de diferentes maneiras: sinalizam palavras de ordem, auxiliam na proteção física dos militantes, impedem acesso a áreas vulneráveis, chamam ou dispersam atenção por meio de atributos estéticos, ou ainda subvertem a ordem, ao produzir situações insólitas (GRINDON, 2020).

History (UK) _ <https://www.essex.ac.uk/people/grind91800/gavin-grindon> Acesso em 20 jun. 2022.

12 Curadora independente e ensaísta; atua no Word & Image Department do Victoria & Albert Museum (UK) _ <https://www.vam.ac.uk/blog/author/catherine-flood> Acesso em 20 jun. 2022.

13 Outras informações e imagens disponíveis em <http://www.vam.ac.uk/content/exhibitions/disobedient-objects/> e <https://www.vam.ac.uk/blog/disobedient-objects>. Acessos em 15 ago. 2022.



Figura 3. Uma das salas da exposição.

Fonte: <http://www.vam.ac.uk/content/exhibitions/disobedient-objects/>. Acesso em 30 Jul 2022.

Entre centenas de itens expostos, um exemplo significativo são os escudos protetores do Book Bloc, movimento originado na Itália, em protestos contra cortes de verbas destinadas à educação e à mercantilização do ensino. Estudantes pintaram enormes capas de livros, estofadas com espuma, que os protegiam dos ataques da polícia. Cenas constrangedoras de policiais em franco ataque aos livros, produziu imagens amplamente divulgadas pela imprensa internacional. Assim, o movimento se disseminou por muitas cidades ao redor do mundo (FIG 4 e 5). Para Grindon¹⁴, a estratégia é muito rica esteticamente, pois usa um símbolo efetivo da própria pauta da luta como “arma”. Além disso, o trocadilho com o termo *black blocs*¹⁵,

14 Entrevistas disponíveis em <https://www.youtube.com/watch?v=G9CNGNcbblw> e <https://theoccupiedtimes.org/?p=13145> _ Acesso em 5 ago. 2022.

15 O termo refere-se a uma tática de manifestações de rua, desenvolvida desde a década de 1980, que procura garantir a autodefesa dos manifestantes, diante de ações repressivas e para atacar empresas e instituições de Estado, consideradas símbolos do capitalismo. Constitui-se como um bloco de pessoas vestidas de preto que tapam os rostos com máscaras, capacetes ou panos para evitar reconhecimento e perseguição policial. No Brasil, ganhou

grupo amplamente criticado por ações violentas e explosivas é uma potente ironia.



Figura 4 - Instruções para fazer o escudo de proteção.

Fonte: <https://theoccupiedtimes.org/?p=13145> . Acesso em 30 Jul 2022.



Figura 5 - Imagem da exposição: Book Blocs nas ruas de Londres, dezembro, 2010.

Fonte: <http://www.vam.ac.uk/content/exhibitions/disobedient-objects/> Acesso em 30 Jul 2022.

notoriedade a partir das manifestações de junho de 2013 _ <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiadobrasil/black-bloc-movimento-ou-tatica.htm> _ Acesso em 5 ago. 2022.

Um dos principais símbolos da mostra estampa a capa do catálogo: instruções para fazer máscara protetora contra gases, com garrafa pet, espuma e vinagre (FIG 6). Além de disponíveis aos visitantes em papel impresso, o folheto estava liberado para download no website. Pequenos objetos como os bottons são celebrados, como estratégia de comunicação que favorece reconhecimento de parcerias e cumplidades. Trabalhos do coletivo de artistas feministas *Guerrilla Girls* são outro exemplo da aliança entre design gráfico e ativismo (FIG 7).



Figura 6 – Capa do catálogo e cartaz de divulgação; imagem de Jodi Hilton, presente na exposição; e PDF com instruções, distribuído na exposição.

Fonte: <http://www.vam.ac.uk/content/exhibitions/disobedient-objects/> Acesso em 30 jul. 2022.



Figura 7 – Do Women Have to be Naked Met Museum? Poster do coletivo Guerrilla Girls, integrante da exposição.

Fonte: <https://www.guerrillagirls.com/> Acesso em 5 ago. 2022.

Os objetos desobedientes envolvem operadores tais como o deslocamento de funções, a subversão de materiais, o improviso, o non sense e a estratégia do faça-você-mesmo, além de enfatizarem as lutas coletivas. Problematizam o campo do design, colocando em pauta parâmetros como a autoria, a industrialização, a alta tecnologia, o mercado e a aliança do design com forças dominantes e formas de controle, tensionam diagramas de poder e imprimem potência estética para as lutas. Convocam amplitudes potentes para o parâmetro de uso, no seio do imperativo capitalista sobre a utilidade de tudo e de todos. Produzem poéticas aliadas às reivindicações sociais e ativam a imaginação política. Instalam interrogações: utilidade para que? Para quem? Em favor de que pessoas, quais reivindicações, quais modos de vida?

Justamente a partir da constatação sobre algumas das mudanças nos modos de vida, fortalecidos pela propagação do neoliberalismo

no final da década de 1970¹⁶, *The Museum of Cruel Designs*¹⁷ explora aspectos da história do design, fazendo um recorte sobre tecnologias de controle social, planejamento urbano e gestão empresarial dedicadas à promoção da vigilância e da repressão. O recorte temporal enfatiza um período que, favorecido por algumas tecnologias militares e industriais, promove disciplinas de vigilância, de governamentalidade e de controle.

Estes procedimentos aparecem em espaços dos mais variados, desde condomínios fechados, até fronteiras geopolíticas, passando pelos espaços públicos, por lugares de trânsito como estações e aeroportos, e até mesmo, pelo mobiliário dos escritórios corporativos e pela gestão de pessoas nos ambientes de trabalho¹⁸.

A mostra, também curada por Grindon, ocorreu no ano de 2015, no *Dismaland Park*¹⁹. No ensaio sobre a proposição, o curador a descreve como “uma exposição de coisas feitas para te machucar” (GRINDON,

16 Este período é demarcado pela consolidação do neoliberalismo britânico, doutrina introduzida pela Primeira Ministra Margareth Thatcher (1925-2013), cuja principal diretriz indica que as instâncias mercantilizadas são capazes de resolver todos os problemas humanos.

17 Outras informações, imagens e vídeo sobre a exposição, disponíveis em <https://barnbrook.net/work/dismaland-cruel-designs/> _ Acesso em 5 ago. 2022.

18 Vídeo integrante da exposição, sobre dispositivos de controle em ambientes de trabalho, disponível em https://vimeo.com/154580590?embedded=true&source=vimeo_logo&owner=2181983 Cruel designs: History Of The Workplace _ Acesso em 5 ago. 2022.

19 Versão satírica da Disneylândia, instalada em local abandonado na região de Somerset, no litoral do Reino Unido, pelo artista inglês Banksy, forte crítico do capitalismo. Foi montado como um cenário distópico, com estruturas gigantes que subvertiam as originais, tais como o castelo da Cinderela, a imagem da pequena sereia e os passeios no lago, com um tanque cheio de refugiados. Outras informações e imagens disponíveis em <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2015/08/banksy-inaugura-dismaland-parque-para-anarquistas-principiantes.html> _ Acesso em 5 Ago. 2022.

2015, p.1. Tradução nossa²⁰). Estas “coisas” se presentificam no urbanismo, no design de produtos, na ergonomia de mobiliários, no marketing, todas essas instâncias hábeis em inscrever o Estado e a ordem neoliberal nos corpos, facilitando a naturalização da repressão e da institucionalização de diferentes formas de violência.

Um container (FIG 8 e 9) – apelidado de “câmara de horrores” (Ibidem, p.3) - abrigou os registros, dispositivos e objetos, entre eles câmeras observadoras, drones, cercas de fronteira com armadilhas letais, armas de controle de distúrbios, documentos, infográficos que mapeiam conluios perversos entre projetos e políticas públicas, arquiteturas que procuram evitar a permanência de pessoas em situação de rua. No caso destas últimas, os chamados “picos anti-sem-teto” (FIG 10), pretendem manter vítimas da desigualdade social, da crise econômica ou de sofrimento psíquico, fora do campo de visibilidade, impedindo ou dificultando sua instalação em determinados espaços públicos.

20 *Cruel Designs is an exhibition of things that were made to hurt you.*



Figura 8 – Fila para adentrar o espaço expositivo.

Fonte: <https://barnbrook.net/work/dismaland-cruel-designs/>. Acesso em 5 ago. 2022.



Figura 9 – Interior da exposição.

Fonte: <https://barnbrook.net/work/dismaland-cruel-designs/> Acesso em 5 ago. 2022.



Figura 10 - Detalhe da exposição *Cruel Designs*: dispositivos anti-sem-teto.

Fonte: <https://barnbrook.net/work/dismaland-cruel-designs/> Acesso em 5 Ago 2022.

O curador - que realizou *Cruel Designs* no ano seguinte à *Desobedient Objects* – qualifica os objetos como “obedientes”, responsáveis por facilitar exercícios de poder, de controle e opressão na vida pessoal e coletiva, nos ambientes de trabalho e no campo social: “uma delimitação silenciosa e precisa do que aceitamos como nossa esfera pública” (GRINDON, 2015, p.2. Tradução nossa²¹). Esta obediência visa domesticar e menosprezar a vida pública, explicita valores da racionalidade neoliberal, tais como a privatização da segurança, a promoção do medo, a segregação de grupos pobres e marginais. Nas palavras dele: “Estes designs maléficos visam os corpos individuais [...], favorecem a violência sistêmica das corporações e políticas de controle governamental e o design cruel que essas instâncias

21 A silent, sharp delimitation of what we accept as our public sphere.

exercem sobre você” (Ibidem, p.1. Tradução nossa²²).

É notável o enfoque sobre a questão da “segurança”, que abarca a chamada “política do medo²³”, discurso recorrente na instalação de governos conservadores. Em geral, esse tipo de projeto desconsidera as causas complexas dos problemas sociais, “redefinindo-os como problemas de ‘segurança’ que podem ser ‘projetados fora’” (Ibidem, p.1. Tradução nossa²⁴). O chamado “design defensivo” é apontado como responsável pelo aumento do medo social, pois colabora para enquadrar parte da população como ameaça, dificultando interações sociais que constroem confiança e espírito coletivo na dimensão pública, em prol da naturalização da exclusão e da exploração.

Ainda que *Cruel Design* entre em diálogo com os objetos desobedientes - práticas usadas para controle social em contraposição àquelas direcionadas para mudanças sociais – a proposição expositiva não parece se enredar em dicotomias simplistas ou fugir dos paradoxos. É possível considerar que a mostra coloca um design obediente em questão, sem deixar de levar em conta camadas e operadores complexos presentes em outras tantas searas da criação, que produzem dispositivos – materiais, subjetivos e sociais – que podem ser cooptados e agenciados em favor de forças libertárias ou

22 These bad designs target individual bodies. But they also map out the systemic violence of corporate and government policy, and the cruel designs they have on you.

23 Outras informações podem ser encontradas em SILVA, MACIEL e FRANÇA, 2018. Conservadorismo como instrumento capitalista em tempos de barbárie. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rk/a/85M8JfffpDjxny99VGG-JrLc/?lang=pt> . E em OLIVEIRA, 2016. O medo enquanto afeto político e a esperança contra o corpo paranoico. Disponível em _ <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6482-nythamar-de-oliveira>. Acesso em 10 ago 2022.

24 Redefining them as ‘security’ problems which can be ‘designed out’.

de forças de controle. Tensões e apropriações entre “crueldades” e “desobediências” em design estão em constante fluxo. Outro ponto interessante a ser enfatizado é que, aqueles que desenvolvem o design de controle não são propriamente os governantes ou donos das corporações, mas profissionais comuns, que a princípio, podem resistir a eles, desconstruí-los ou subvertê-los, em outras direções. A exposição, propositadamente instalada em local distópico, é plena de denúncias às mazelas as quais o campo social e o meio ambiente vem sendo submetidos. Entretanto, parece fazer da denúncia uma semente para a crítica, que por sua vez fomenta a criação. Em outras palavras, explicitar os mecanismos de controle, para estimular a desobediência.

Considerações finais

Obedecer é signo de conivência e consentimento àquilo que é dado como irreversível e imutável, pois, fomentar a sensação de que não é possível sequer imaginar outras formas de vida, faz parte da linha de montagem subjetiva que interessa ao sistema hegemônico e dominante. Seus efeitos produzem sensibilidades descrentes de que o campo político e a dimensão pública são terrenos potentes e múltiplos, sempre abertos a ações e intervenções. Desobedecer é um verbo que pode ser tomado como dever ético e político, explorado em suas potências estéticas e poéticas.

Sobre as proposições expositivas apresentadas, vale lembrar que, menos do que os itens expostos, o que mais importa são as atitudes que aglutinaram essas obras, tanto no âmbito da curadoria, quanto na questão da autoria. *From Nope to Hope, Disobedient Objects* e *The Cruel Design* são propostas criadoras, pois engendram críticas e dão a ver operadores que problematizam vozes dominantes. Vale dizer que essa tomada de posição vem ocorrendo em outras tantas importantes mostras²⁵, realizadas nos últimos anos, e que apontam nesta mesma direção: colocar a (des)obediência em questão e dar voz à criação que não teme expor feridas sociais e históricas.

O foco sobre o design não é por acaso: visa explicitá-lo como um dos mais fortalecidos vetores dos processos de subjetivação do período contemporâneo, a partir do início do século XX. E se desde o início do XXI, temos vivenciado radicais rupturas do pacto social, que colocam em risco valores como igualdade e democracia, é preciso ter olhos para seguir identificando e fortalecendo a miríade de micropolíticas de resistência e luta em curso, nas quais o design pode funcionar (e vem funcionando) como um importante aliado. Conspirar, tramar, projetar – tal como nos indica Flusser (2007). Conjuguar o design em desobediência.

25 A lista é por demais extensa para ser trazida aqui, mas vale dizer que proposições decoloniais, antipatriarcais, antirracistas e outras tantas que dão espaço à múltiplas vozes - silenciadas por séculos na história da arte, do design e das exposições - vem conduzindo eixos nas mais relevantes exposições brasileiras e internacionais.

Referências

ANJOS, Moacir dos. **Política da Arte**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2014. v. 1. 192p.

DELEUZE, Gilles. **O ato da criação**. Conferência pronunciada na FEMIS (Fondation Européenne pour les Métiers de l'Image et du Son) em 17 de março de 1987. Disponível em <https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2017/11/16/o-que-e-o-ato-de-criacao-gilles-deleuze-abaixo-transcricao-em-portugues-da-filmagem-de-1987/> Acesso em: 27 jul. 2022.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. 288p.

DINIZ, Debora e GEBARA, Ivone. **Esperança feminista**. 2 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022. 280p.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017. 464p.

FLOOD, Catherine; GRINDON, Gavin (Ed.) **Disobedient Objects**. London: V&A Publishing, 2014. 144p. Parcialmente disponível em <http://gavingrindon.net/wp-content/uploads/2015/09/Grindon-and-Flood-Introduction-Disobedient-Objects.pdf>. Acesso em 12 ago. 2022.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado: por uma filosofia da comunicação**. São Paulo: CosacNaif, 2007. 224p.

FOUCAULT, Michel. **O Governo de Si e dos Outros: Curso no Colege de France (1982-1983)**. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 380p.